

**O PENSAMENTO
CONSERVADOR NORTE-
AMERICANO E A REFORMA
DA ESCOLA: EMBATES
ENTRE RELIGIÃO,
MORALIDADE,
PATRIOTISMO E IDEOLOGIA**

*NORTH AMERICAN CONSERVATIVE
THINKING AND SCHOOL REFORM:
COLLISIONS BETWEEN RELIGION,
MORALITY, PATRIOTISM AND IDEOLOGY*

*EL PENSAMIENTO CONSERVADOR
NORTEAMERICANO Y LA REFORMA DE LA
ESCUELA: EMBATES ENTRE RELIGIÓN,
MORALIDAD, PATRIOTISMO E IDEOLOGÍA*

LINOVALDO MIRANDA LEMOS

Instituto Federal Fluminense (UFF), Campos
dos Goytacazes/RJ.

E-mail: linovaldomlemons@gmail.com

LAATS, Adam. **The other school reformers:** conservative activism in American Education. Cambridge: Harvard University Press, 2015

Impossível ler a obra de Adam Laats e não nos sentirmos estimulados a refletir sobre o atual momento político que nós, brasileiros, vivenciamos em nosso país. Muito embora se trate de uma análise histórica do ativismo conservador norte-americano no século XX e do exame de questões relacionadas à escola e ao papel social da educação daquele país, a força de sua análise nos permite lançar nossos olhares por sobre os imbrólios políticos do Brasil contemporâneo, especialmente no campo da educação, nos quais questões relativas ao currículo e ao papel social da escola e de seus professores assumem uma quase centralidade nos debates, fazendo-se emergir discursos os mais apaixonados, de uma ponta a outra do espectro político. Qual o papel da escola na formação das gerações mais jovens? É pertinente o tratamento de temas como gênero e sexualidade no ambiente escolar? Qual a conveniência do controle das atividades do professor em sala de aula? É razoável a interdição e/ou a limitação do estudo de autores e pensadores considerados subversivos, “de esquerda”, “comunistas”? Para o bem ou para o mal, a escola está no centro de um acalorado debate no qual um turbilhão de antagonismos, discursivamente construídos, se articulam em torno da possibilidade da reforma da escola, da educação e da própria sociedade. A análise da experiência norte-americana levada a cabo pelo professor Adam Laats na sua obra “The other school reformers: conservative activism in American Education”, pode ser uma inspiração e uma ferramenta intelectual à compreensão de temáticas tão prementes.

Antes de entrarmos nesse livro propriamente acredito ser relevante apontar que há uma coerência e uma unidade temática nas pesquisas desse autor e que se consubstanciam em outras obras como *Fundamentalism and Education in the Scopes Era: God, Darwin,*

and the Roots of America's Culture Wars, de 2010; *Teaching Evolution in a Creation Nation*, em co-autoria com Harvey Siegel, de 2016 e sua obra mais recente *Fundamentalist U: Keeping the Faith in American Higher Education*, de 2018. Como professor da Universidade do Estado de Nova York, Laats tem se interessado por questões relativas à história da educação norte-americana, especialmente nos temas relacionados ao debate criacionismo/evolucionismo, fundamentalismo cristão e pensamento conservador no campo da educação.

Com um texto claro, Adam Laats inicia o livro “The other school reformers...” trazendo um acontecimento por ele vivenciado no qual uma mãe acusa o departamento de inglês de estar tentando minar a fé católica de sua filha adolescente ao discutir um determinado romance em sala de aula. No momento da conclusão, Laats retoma ao ocorrido para argumentar o quanto isso o teria feito relativizar suas convicções a respeito do papel presumido, que uma educação transformadora teria, de questionar certezas tidas como absolutas e de desenvolver o senso crítico e a pluralidade de pensamento nos alunos. Diferentemente disto, *outros reformadores escolares* - que não os considerados *progressistas* - insistem no papel da escola como fortalecedora de normas, de padrões comportamentais, da religião e do patriotismo. Esse é o embate que Adam Laats se dedica a investigar na obra em tela.

Reside aí uma primeira escolha epistemológica do autor, a saber, a de reconhecer a existência mesmo de um *pensamento conservador*. Dessa forma, afasta-se, assim, daquelas concepções políticas que vêem o conservadorismo como o resquício de um mundo atrasado, tacanho, preconceituoso, embalado que é por um conjunto de ideias desconexas, quase anedóticas. O esforço empreendido no

livro é o de demonstrar que, muito embora em certos momentos os estereótipos sejam verdadeiros, tal visão impede a análise aprofundada e acurada das concepções, projetos e argumentos desses “outros reformadores escolares”. Estes, ontem e hoje, da mesma forma que os reformadores “progressistas”, têm tido um forte poder de influência na política do currículo nos EUA e é isto que o livro procura demonstrar.

Quero acrescentar a esse argumento que tal pressuposto assumido por Laats sobre o pensamento conservador como a quintessência do pensamento tacanho muito nos tem impedido de compreender sua força e persistência, bem como sua capacidade histórica de, não só de manter-se no cenário político, como também de tornar-se uma possibilidade de escolha eleitoral. Mais, o desprezo pelo conservadorismo de cunho religioso, com seu forte apelo comportamental e moral, muitas vezes lançou sombras à capacidade de muitos analistas e intelectuais de compreensão da real dimensão e da força dos movimentos de cunho conservadores. Os resultados das eleições nos Estados Unidos de Donald Trump e de Jair Bolsonaro no Brasil e a ascensão dos grupos políticos que lhes dão sustentação são testemunhos disso que estou falando aqui.

Embalado por tal intento, o autor recorre aos registros históricos de quatro episódios entre os anos 1920 e 1970, por considerá-los momentos decisivos da história americana nos quais se instaurou - o que poderíamos chamar - de uma arena política de debates sobre o papel da escola, do currículo e dos educadores.

Tais momentos se referem a discussão em torno da Lei anti-Evolução em Dayton, Tennessee, de 1925, analisado pelo autor no capítulo 2, no qual um intenso debate sobre a forma de se ensinar e os conteúdos apropriados à escolarização das crianças emergiu a

partir do que ficou conhecido como “O julgamento do século”: a batalha jurídica pública entre o mais famoso cético da época e seu antagonista, um religioso presbiteriano. No próximo capítulo, o professor Laats se volta à Filadélfia dos anos 1930 para analisar a ação de grupos conservadores religiosos e empresariais contra o que consideravam *tendências esquerdistas, sediciosas e subversivas* dos livros didáticos de estudos sociais. No capítulo 4 encontramos a narrativa do choque entre o superintendente educacional de Pasadena, Califórnia, em 1949 e suas ideias sobre gestão escolar e pedagogia que foram consideradas excessivamente progressistas e, no limite, nocivas e promotoras do comunismo. Por fim, mas não menos importante, no capítulo 5, encontramos os boicotes em relação aos textos dos livros didáticos de artes em Charleston, Virgínia Ocidental, nos anos 1970, e a acusação de estarem encorajando a “animosidade racial” e tentando solapar os valores americanos da religião e do patriotismo.

Nas suas 313 páginas, divididos em cinco capítulos (além da introdução e da conclusão), Laats incorre num certo didatismo tanto pela divisão por um critério que valoriza a sequência cronológica desses fatos quanto pela forma como a introdução praticamente “entrega” ao leitor, todo o conteúdo do livro. Esse didatismo não chega a ser uma fraqueza do livro (talvez ao contrário), principalmente se levarmos em consideração que os capítulos específicos, nos quais analisa cada um daqueles momentos, é muito bem embasado por pesquisa histórica em fontes primárias e apresentado de forma ágil e envolvente.

Os fios condutores tecidos pelo autor entre esses casos e a temática do livro residem, em primeiro lugar, na capacidade que eventos e atores locais tiveram de assumir e de aglutinar os

interesses e a participação de conservadores no nível nacional. Tal capacidade de “saltar escalas”, como diria o geógrafo político Kevin Cox, reside no fato de que tais eventos puderam fazer emergir temas que são pontos nodais do discurso conservador: evolução, ciência, educação tradicional e progressiva, bíblia, patriotismo, comunismo, sexo, juventude, delinquência e a natureza da cultura americana, conforme apontado por Laats. O segundo ponto utilizado pelo autor para alinhar os eventos históricos, se refere ao tratamento ao que chama de “pensamento conservador”, defendendo a tese de que há uma tradição, uma coerência possível de se reconhecer nessa “ideologia conservadora” que ancora os ativismos desses grupos em torno de questões educacionais. O terceiro ponto assume uma posição de destaque no livro e o leitor se deparará com ela inúmeras vezes na obra: a tese de que apesar de situarem-se em campos opostos do espectro político, conservadores e progressistas concordam no reconhecimento irrefutável do papel e da importância social da educação e da escola. Em outras palavras, *a escola importa* e, por isso mesmo, figura como um campo de embates entre diferentes visões de mundo e de ações políticas. Por ter relevância social, a escola pode, nas palavras de Laats, salvar ou destruir a sociedade.

Como disse inicialmente, impossível não lermos o livro “The other school Reformers...” sem nos voltarmos para nosso próprio quintal no qual – ousaria dizer - a educação e a escola assumem uma posição de destaque quase tão absoluto quanto a economia nos discursos governamentais. Os holofotes estão voltados para a escola e para seus educadores, para os livros didáticos, para os conteúdos considerados “de esquerda”, para as abordagens que trazem à tona a condição da mulher e de grupos excluídos de nossa sociedade como os gays e índios. De qualquer forma, a grande lição talvez seja de que a

educação é um ato político e de resistência, de embates e de conflitos, ontem e hoje, aqui e alhures e de que a mudança ou a conservação da sociedade passa, necessariamente, pela escola.

Submetido em: 09 de janeiro de 2019.

Aprovado em: 23 de abril de 2019.